

CORPOS SEM CABEÇA, SUJEITOS SEM RAZÃO: ANÁLISE MULTIMODAL DA MARCHA DAS VADIAS

Bodies without heads, subjects without reason: multimodal framework of the Slut Walk

Carla Candida Rizzotto*
Kelly Prudencio**

RESUMO

A Marcha das Vadias (MV), especialmente pela escolha de seus repertórios, conquista espaço nos noticiários. Conforme apontado em pesquisa anterior, a cobertura se limita, entretanto, ao registro das manifestações com presença marcante de imagens, sem promover discussões sobre o combate à violência de gênero. Com o intuito de fornecer subsídios à discussão sobre a efetividade de sua comunicação política, este artigo identifica os sentidos oferecidos pela cobertura jornalística para além do texto. A partir de uma análise de enquadramento multimodal, localizada em três níveis de análise

* Doutora em Comunicação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista PNPd/Capes. Membro do grupo de pesquisa “Comunicação e Participação Política”. E-mail: <carla_rizzotto@yahoo.com.br>

** Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação e Participação Política”. E-mail: <kelly.prudencio5@gmail.com>

Revisor do texto: Rodrigo Horochovski

Data da submissão: 24/3/2017

Data do aceite: 10/4/2017

– textual (ENTMAN, 1993), narrativo e visual (WOSNIAK et al., 2014) –, observa-se que a MV, embora apresentada como portadora de uma causa justa, recebe críticas por sua *performance* pública, e, recorrentemente, o papel do vilão é atribuído às manifestantes. As imagens privilegiam a exibição de corpos sem rosto, caracterizando a marcha como uma afronta moral.

Palavras-chave: Marcha das Vadias. Análise multimodal. Enquadramento noticioso.

ABSTRACT

The Slut Walk, especially due to its repertoires, conquer space in the news. As pointed out in previous research, the coverage is limited, however, to record the events with strong presence of images, without promoting discussions on combating gender violence. In order to provide inputs to the discussion on the effectiveness of its political communication, this article identifies the meanings offered by media coverage beyond the text. From a multimodal framework analysis located on three levels of analysis – textual (ENTMAN, 1993), narrative and visual (WOSNIAK et al., 2014) –, it is observed that the Slut Walk, although presented as having a just cause, receives criticism for its public performance, repeatedly taking the role of villain attributed to the protesters. The images emphasize the display of faceless bodies, featuring the march as a moral outrage.

Keywords: Slut Walk. Multimodal analysis. News framework.

1 Introdução

A Marcha das Vadias (MV), na cena política desde 2011,¹ contém, na sua aparição pública, elementos que são facilmente captáveis pelas lentes das câmeras: cores, corpos desnudos, cartazes

¹ A Marcha das Vadias é uma mobilização de mulheres em várias partes do mundo pelo respeito ao que elas definem como liberdade no *slogan* “Meu corpo, minhas escolhas”. O surgimento aconteceu após um episódio, em janeiro de 2011, quando várias mulheres foram estupradas na Universidade de Toronto – Canadá. A declaração do policial Michael Sanguinetti de que os estupros não teriam ocorrido se essas mulheres não se vestissem como vadias gerou um protesto de cerca de três mil mulheres. A ação foi nomeada de “Slut Walk”. O modelo se espalhou pelo mundo (marchas ocorreram em diversos países como Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, França, Holanda, Portugal, Israel, Índia, Argentina, México, Nicarágua e Colômbia). (WOITOWICZ, 2013; SILVA JÚNIOR, 2013).

provocativos. Esse tipo de mobilização garante presença no noticiário, ainda que não seja possível controlar a interpretação jornalística. Os atores coletivos lançam mão desse repertório porque o espaço midiático é estratégico numa luta política.

Uma análise do enquadramento das notícias sobre as manifestações da marcha em 2013² mostrou que a cobertura jornalística ficou reduzida ao registro das manifestações, com pouca ou nenhuma discussão sobre os direitos das mulheres e o combate à violência de gênero. (RIZZOTO e outros, 2015). Perguntávamos se a MV fazia “só cena” em detrimento de uma comunicação política mais efetiva, ou seja, se a visibilidade nos jornais tinha força para estimular uma discutibilidade. Com a verificada ausência de fontes e argumentos, a análise de enquadramento pôde apenas indicar a forte presença das imagens.

Neste artigo, propomos procurar os sentidos para além do texto, visíveis nas imagens que os acompanham. Para isso, é preciso observar diferentes modos de representação/comunicação. Vamos argumentar que a proposta de análise de enquadramento multimodal (WOSNIAK et al., 2014) possibilita perceber a circulação desses sentidos e se complementa com a perspectiva do enquadramento noticioso de Entman (1993). Pelo viés multimodal, foi possível perceber que a MV ofereceu boas imagens para os jornais, mas recebeu, em troca, um tratamento que acabou por vilanizar as manifestantes, apagando a marcha como ator político.

Enquadramento multimodal

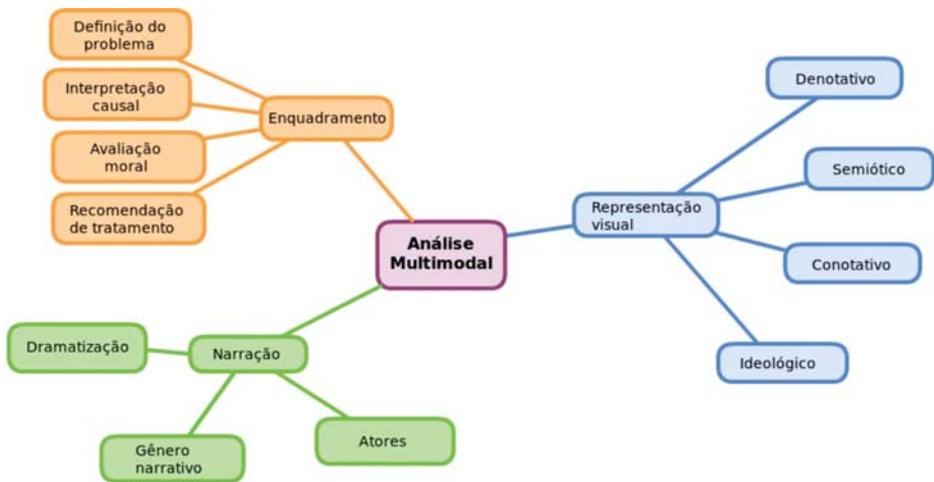
Estudar a inter-relação entre os dois modos representacionais da informação – textual e visual – e entre os dois modos comunicativos – enquadramento e narração, ou *storytelling* – é fundamental para compreender a presença de significados para além do registro, especialmente nos casos em que a cobertura jornalística está muito mais focada nos eventos do que nos problemas e nas demandas, como acontece, frequentemente, quando os movimentos sociais são assunto de notícias.

Wozniack e outros (2014) conduziram uma pesquisa sobre a cobertura midiática de assuntos climáticos que inspira a análise de enquadramento multimodal aqui realizada. Conforme demonstra o diagrama (Figura 1), os três níveis de análise são: 1) **enquadramento** – para o qual Entman (1993, p. 52) foi utilizado como base metodológica – segundo o autor “enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais

² Ano em que ocorreram grandes manifestações de rua no Brasil, no mês de junho. A MV era um dos coletivos que foram aos protestos. (PRUDENCIO, 2014).

salientes em um texto, de modo a promover uma particular definição do problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para o item descrito” (tradução própria); 2) **narrativa** – para cuja análise são levados em consideração o *grau de dramatização* (dramatização, emoção, personalização, ficcionalização e ornamentação estilística), o *gênero narrativo* (rotineiro, trágico, romântico/comédia, apocalíptico e melodramático) e os atores identificados em seus respectivos papéis vítimas, vilões e heróis); e 3) análise visual – realizada em quatro níveis a saber: denotativo, semiótico-estilístico, conotativo e ideológico.

Figura 1 – Análise multimodal

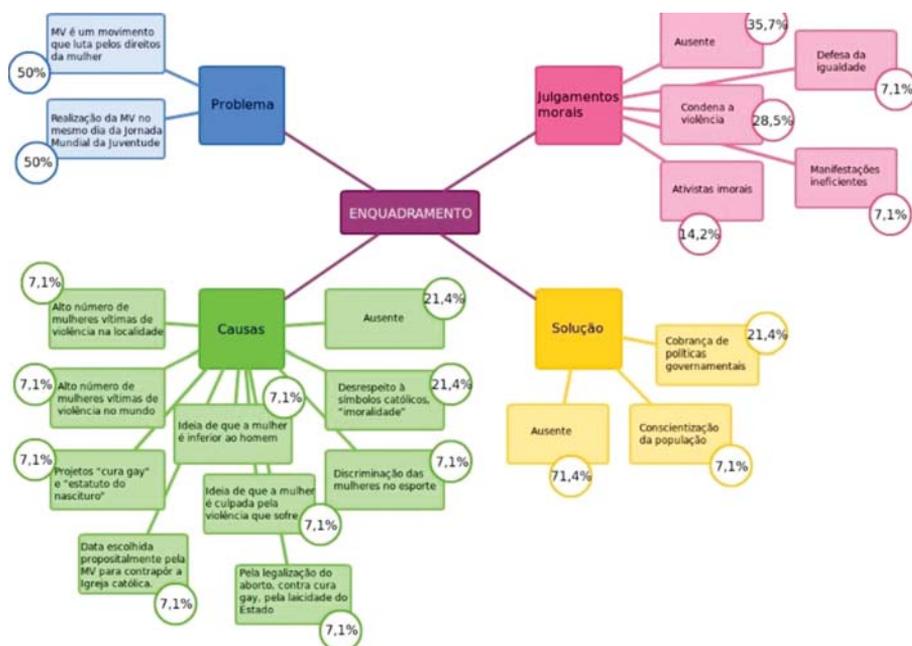


Fonte: Elaboração das autoras.

2.1 Enquadramento

Para realizar a análise de enquadramento, como citado, optou-se pela utilização das categorias definidas por Entman (1993). Para ele, as questões ideológicas subordinam a rotina jornalística, e o enquadramento seria o caminho adequado para compreender as narrativas como articuladoras de informação e produtoras de significado. Tais narrativas compreendem a definição do problema, o diagnóstico das causas do problema, os julgamentos morais e a indicação de soluções para o problema, conforme sistematiza a Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Enquadramento



Fonte: Elaboração das autoras.

A análise de enquadramento, descrita em artigo anterior (RIZZOTTO et al., 2015), mostrou que a definição do problema está centrada em dois eixos principais: 50% das notícias, sendo cinco delas do *G1* e duas do *Estadão*, destacam a MV como um movimento que luta pelos direitos das mulheres; a outra metade, cinco matérias da *Folha de S. Paulo* e duas do *Estadão*, tem como foco o fato de a MV ter sido realizada no mesmo dia da "Jornada Mundial da Juventude", evento que reuniu milhares de católicos durante a visita do Papa ao Rio de Janeiro, em julho de 2013.

No caso das notícias que tinham como foco o embate entre a MV e os católicos, a causa apontada se restringiu ao desrespeito e à *indecência* das manifestantes. Já naquelas que definiram o problema com base na descrição da MV (como um movimento pelos direitos das mulheres), as causas são bastante diversas: do alto número de mulheres vítimas de violência a questões políticas como a laicidade do Estado e projetos governamentais. Foram identificadas ainda três notícias que não apontavam às causas do problema.

Quanto aos julgamentos morais, cinco notícias não os apresentaram; quatro delas condenaram a violência contra as mulheres, e uma defendeu a igualdade entre os gêneros, se mostrando favorável ao movimento; três foram contrárias ao movimento, julgando as ativistas como imorais ou o

movimento como ineficiente. Por último, somente quatro matérias, todas elas do G1, citaram soluções para o problema: a conscientização da população como forma de reduzir os casos de violência e a necessidade de políticas governamentais para promover e garantir os direitos das mulheres.

Quadro 1 – Enquadramentos das notícias dos portais

	Veículo	Data	Definição do problema	Diagnóstico do problema	Julgamentos morais	Solução do problema
1	G1	1/6/13	Movimento que luta pelo fim da violência contra a mulher.	Alto número de mulheres vítimas de violência na localidade.	Condena a violência	Cobrança de políticas governamentais
2	G1	8/6/13	Movimento ligado a campanha internacional.	Alto número de mulheres vítimas de violência no mundo.	Condena a violência	Conscientização da população
3	G1	24/6/13	Movimento que luta pelos direitos da mulher.	Projetos “Cura gay” e “Estatuto do nascituro”.	Ausente	Cobrança de políticas governamentais
4	G1	29/6/13	Movimento que luta pelo fim da violência contra a mulher.	Ideia de que a mulher é inferior ao homem.	Condena a violência	Cobrança de políticas governamentais
5	G1	8/3/14	Movimento que luta pelo fim da violência contra a mulher.	Ideia de que a mulher é culpada pela violência que sofre.	Condena a violência	Ausente
6	Folha	27/7/13	MV provoca católicos.	Desrespeito a símbolos católicos, “imoralidade”.	Ativistas imorais	Ausente
7	Folha	27/7/13	MV foi realizada no mesmo dia da “Jomada Mundial da Juventude”.	Data escolhida propositalmente pela MV para se contrapor à Igreja Católica, instituição contrária ao aborto.	Ausente	Ausente
8	Folha	27/7/13	MV realizada marcha no mesmo dia da “Jomada Mundial da Juventude”.	Ausente	Ausente	Ausente
9	Folha	28/8/13	MV provoca católicos.	Desrespeito a símbolos católicos, “imoralidade”.	Ativistas imorais	Ausente
10	Folha	10/1/14	Promotoria aceita denúncia contra casal que realizou <i>performance</i> crítica à Igreja Católica na MV.	Atentado ao pudor em <i>performance</i> crítica à Igreja.	Ativistas imorais	Ausente
11	Estadão	22/6/13	Movimento que luta pelos direitos da mulher, inclusive no futebol.	Discriminação das mulheres no esporte.	Defesa da igualdade	Ausente
12	Estadão	22/6/13	Movimento que luta pelos direitos da mulher + Manifestantes hostilizam repórter.	Pela legalização do aborto, contra “Cura gay”, pela laicidade do Estado. + Movimento espontâneo, pessoas não podem ser controladas individualmente.	Manifestações ineficientes	Ausente
13	Estadão	27/7/13	MV realizada no mesmo dia da “Jomada Mundial da Juventude”.	Ausente	Ausente	Ausente
14	Estadão	27/7/13	MV realizada no mesmo dia da “Jomada Mundial da Juventude”.	Ausente	Ausente	Ausente

Fonte: Elaboração das autoras.

Os resultados apontaram que as notícias não focalizaram o debate sobre as questões levantadas pela marcha, entre elas, a cultura do estupro e a descriminalização do aborto, temáticas controversas que demandariam ouvir as próprias manifestantes como fontes para confrontar pontos de vista. A presença da MV na “Jornada Mundial da Juventude” (no mesmo dia) foi enquadrada como provocação, intensificada pela seminudez das manifestantes, contrastada com o recato dos *peregrinos* – principalmente pela *Folha de S. Paulo* e pelo *Estadão*. O *G1* enfatizou a luta contra a violência de gênero, sem contudo discutir o que caracterizaria essa violência.

Assim, a definição do problema predomina nos enquadramentos sobre as causas e soluções. Para o *G1*, o problema é a violência contra a mulher, enquanto para a *Folha de S. Paulo*, o problema está na própria MV. A partir disso, os julgamentos morais atingem a cultura da violência (tacitamente) no primeiro caso, e as próprias mulheres, no segundo, tratadas como “imorais”. O *Estadão* se apresentou mais factual na cobertura da MV, abstendo-se de julgamento e soluções.

A MV, a partir desses enquadramentos, é apresentada como portadora de uma causa justa, ainda que sua *performance* pública seja criticada.

2.2 Narração

Para listar e compreender as narrativas típicas a respeito da MV, as quais dominam o discurso da mídia, o livro de códigos proposto por Wozniak et al. (2014) foi utilizado com algumas adaptações. Para os autores, a narração “não é uma característica discreta de ‘histórias’ mais longas em oposição a notícias mais curtas, puramente factuais. Em vez disso, consideramos a narratividade como um conceito gradual que pode ser encontrado, pelo menos potencialmente, em toda reportagem”. (WOZNIAK et al., 2014, p. 7, tradução nossa). Sendo assim, a análise da narração parte de três pontos: o grau de narratividade, o gênero narrativo e os papéis associados aos sujeitos presentes na notícia.

O grau de **narratividade** é medido com base na dramatização, emoção, personalização, ficcionalização e ornamentação estilística. A *dramatização* foi codificada como presente nos casos em que, ao invés de apresentar a informação seguindo a ordem hierárquica de importância – a pirâmide invertida –, a notícia apresentava uma história contada em ordem sequencial, com início, meio e fim. A *emoção*, por sua vez, relaciona-se aos sujeitos presentes na notícia. Uma vez que o estado emocional de um ou mais sujeitos tenha sido descrito, ela foi considerada existente. A *personalização* aparece quando a história é contada com foco nos sujeitos e em suas ações. Nos casos em que há algum tipo de conteúdo ficcional,

está presente a *ficcionalização*. Por último, a *ornamentação estilística* aparece quando o estilo literário é utilizado, indo além da simples descrição dos acontecimentos.

A análise do **gênero** narrativo se centra no tema geral da notícia, no tom utilizado e nos resultados alcançados. Para codificar o tema geral da notícia, Wozniak et al. (2014) partem de quatro gêneros narrativos: *rotineiro*, quando o acontecimento é apresentado como usual; *romântico*, quando o herói triunfa; *trágico*, quando o desfecho é o fracasso; e *apocalíptico*, que retrata como central a luta pela salvação do Planeta. Em sua análise sobre mudanças climáticas, os autores adaptaram esses gêneros gerando os seguintes códigos: assuntos cotidianos, fracasso após a luta, triunfo sobre a adversidade, luta pelo destino da civilização, acrescentando um último, equivalente ao gênero melodramático: o conflito político-social.

Na análise da cobertura da MV, os códigos passaram por mais uma adaptação, que acreditamos ser válida à cobertura de manifestações e movimentos sociais em geral: *assuntos cotidianos*, quando as manifestações são retratadas nas notícias como ações sem importância, com destaque aos contratempos gerados para a vida da cidade, como o fechamento de ruas, por exemplo; *história de fracasso*, quando as ações do movimento são descritas como ineficientes; *história de sucesso*, quando evocam-se os resultados positivos que podem ser gerados pelas ações do movimento; *gravidade do problema* pelo qual se luta, presente nas notícias em que as demandas do movimento são explicadas e, algumas vezes, justificadas, como acontece quando as notícias apresentam índices de violência contra a mulher; e *conflito político-social*, quando o foco da notícia é o conflito entre os manifestantes e a sociedade, instituições ou sujeitos contrários ao movimento.

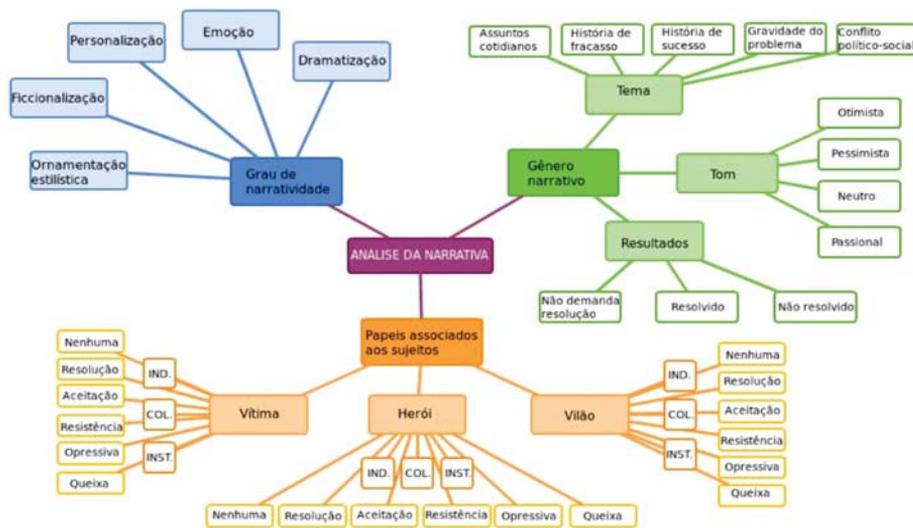
O **tom** foi codificado como sendo otimista, pessimista, neutro ou passional. No caso específico da cobertura da MV, o tom *otimista* aparece nas notícias em que o movimento é retratado como positivo, ao contrário do *pessimista*, registrado quando o movimento aparece como desnecessário; o tom *passional* surge nas narrações com alta intensidade emocional, e o *neutro* quando é realizada unicamente a descrição dos acontecimentos. Por último, os resultados alcançados dizem respeito à resolução ou à expectativa de resolução do problema e são analisados como: não demanda resolução, resolvido ou não resolvido.

Em último lugar, a análise da narrativa compreende a verificação dos **papéis** associados aos sujeitos representados nas notícias. Foram codificados os papéis de vítima, herói e vilão; ainda, o sujeito foi definido como individual, coletivo ou institucional; e o **tipo de ação** realizada foi dividida em: nenhuma ação realizada, resolução, aceitação ou resistência ao problema,

opressiva ou queixa. Nesta última, foram inseridas as diversas formas de protesto.

Os códigos foram sistematizados no diagrama (Figura 3):

Figura 3 – Análise da narrativa



Fonte: Elaboração das autoras.

2.2.1 Marcha das Vadias e suas narrativas típicas

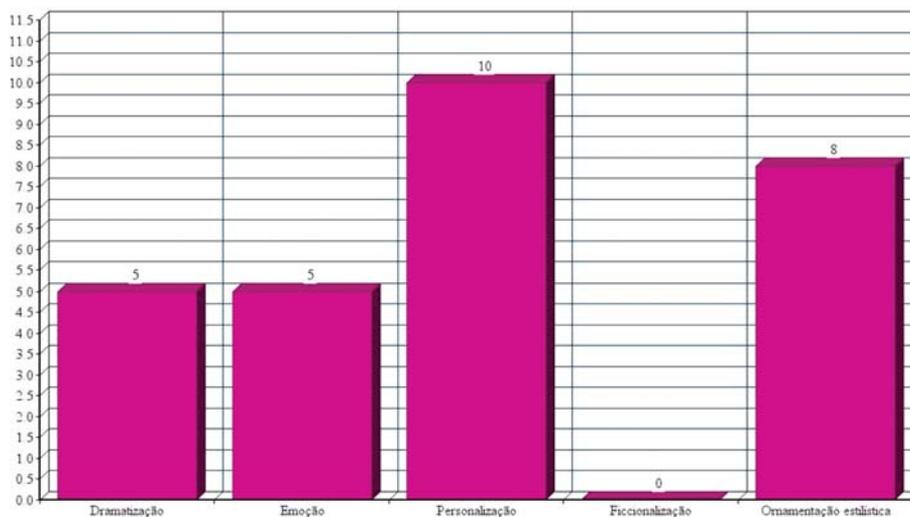
Do grau de narratividade, observou-se que é bastante frequente a estratégia de personalização, que ocorreu em 10 das 14 notícias analisadas, bem como a de ornamentação estilística, encontrada em 8 notícias. Quase sempre, a cobertura da MV tem como foco a descrição das atividades das manifestantes, o que vestiam, que hinos entoavam, que caminho percorreram, o que fizeram – “beijos homossexuais” e “provocação aos católicos”, como é exemplo a notícia da *Folha de S. Paulo*: “Em Marcha das Vadias, grupo pisoteia crucifixos” (27/7/2013), na qual a personalização aparece já no título e percorre todo o texto: “Símbolos da Igreja eram transformados em objetos fálicos, mulheres dançavam ‘até o chão’ em cima da imagem de uma santa e pisavam sobre crucifixos quebrados.”

A ornamentação estilística aparece em trechos como: “E é para chamar a atenção da sociedade para o problema que mulheres usaram um ato de coragem e saíram às ruas quase sem roupa, pela defesa da liberdade de expressão e dos direitos das mulheres”, da notícia “Centenas de mulheres participam de Marcha das Vadias em Uberaba”, publicada pelo *G1*.

Já a dramatização e a emoção foram encontradas em pouco mais de um terço das notícias. As cinco notícias que utilizaram a dramatização descreviam o percurso da MV, contando como ela começou, quais foram os contratempos e como tudo terminou – geralmente com a intervenção da polícia ou com a dispersão natural das manifestantes. A descrição da emoção sempre acompanha os sujeitos que fazem parte da notícia, ou seja, só aparece naqueles casos em que há personalização, como na notícia “Marcha das Vadias protesta contra agressão sexual no Amapá”, também do G1: “Natacha Greco, professora que foi às ruas com os seios à mostra, fez questão de expor a sua *indignação*”.

A ficcionalização não apareceu em nenhuma das 14 notícias analisadas.

Gráfico 1 – Grau de narratividade



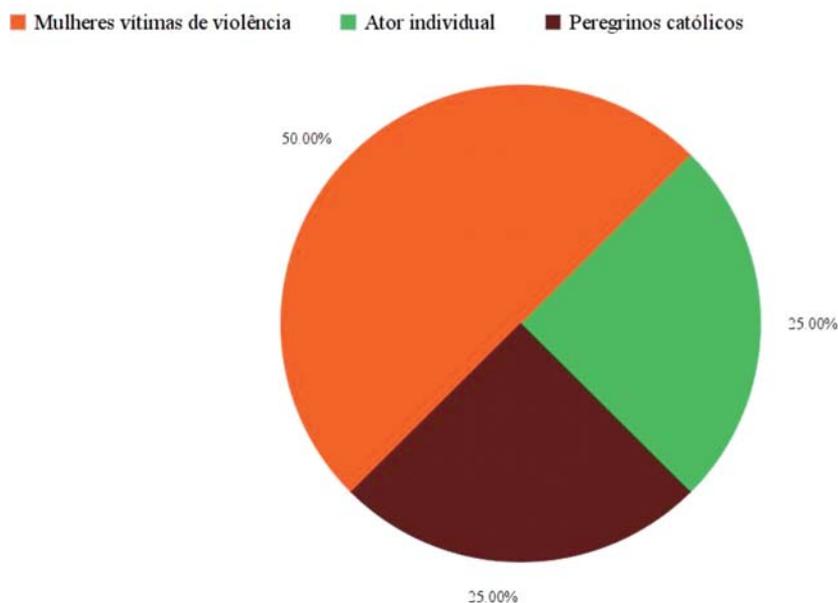
Fonte: Elaboração das autoras.

A temática geral, primeira categoria da análise que permite identificar o gênero narrativo, é bastante restrita: na maioria das vezes (doze), a notícia tem como foco o conflito político-social entre manifestantes e seus opositores, em menor quantidade (duas), estão as notícias que explicitam as demandas do movimento, ressaltando a violência contra as mulheres como um grave problema social. Quanto ao tom, dez notícias foram neutras, três utilizaram um tom passional para criminalizar a MV, e somente uma apresentou tom otimista, depositando, no movimento, esperanças para a resolução da desigualdade de gênero. Oito notícias não demandavam nenhuma resolução; em quatro delas, o problema – no caso o conflito entre as manifestantes e outros sujeitos – não é resolvido. A notícia “Marcha das

Vadias reuniu 1,5 mil pessoas no Rio”, do *Estadão*, descreve o clima de tensão entre as manifestantes e os participantes da “Jornada Mundial da Juventude”, para, no final, deixar em aberto a possibilidade de conflito direto: “Às 18h30, um grupo de aproximadamente 200 ativistas pretendia voltar a Copacabana”; outras duas finalizam esclarecendo que o problema foi resolvido, “com um forte esquema policial acompanhando a passeata, o grupo chegou ao seu destino sem problemas”, diz a notícia: “Em Marcha das Vadias, grupo pisoteia crucifixos”, da *Folha de S. Paulo*.

Em último lugar, foram observados os papéis associados aos sujeitos. Somente três notícias não atribuíram papéis, e em duas, todos os papéis – vítima, herói e vilão – foram atribuídos, mas de maneira bastante divergente: em “Centenas de mulheres participam de Marcha das Vadias em Uberaba”, do *G1*, as mulheres são as vítimas, o agressor é o vilão, e as ativistas são as heroínas; já na notícia da *Folha de S. Paulo*, “Em Marcha das Vadias, grupo pisoteia crucifixos”, as ativistas passam de heroínas a vilãs, os católicos são as vítimas, e a polícia assume o papel de heroína. O papel de vítima aparece outras seis vezes, e é assim distribuído:

Gráfico 2 – Papel de vítima nas notícias



Fonte: Elaboração das autoras.

A vítima como ator individual aparece na notícia que narra a expulsão de um homem pelas ativistas e a agressão, também por parte das ativistas, a um jornalista. Os peregrinos católicos aparecem duas vezes como vítimas, como exemplifica este trecho: “Posicionados para esperar o papa, do outro lado da grade por onde passava a marcha, os peregrinos, perplexos e ofendidos, não acreditavam no que estavam vendo” (Em Marcha das Vadias, grupo pisoteia crucifixos, *Folha de S. Paulo*). Em metade das notícias nas quais a vítima é identificada, ela é personificada pelas mulheres que sofrem com a violência e a desigualdade de gênero. É mais frequente que a vítima não realize nenhuma ação, como acontece em seis das oito notícias em que esse papel é estabelecido.

O herói aparece somente em quatro notícias: em duas, esse papel é atribuído às ativistas e, em outras duas, é atribuído aos policiais. Interessante notar que quando o herói é personificado pelas ativistas da MV, a ação realizada é a de queixa, e o herói aparece como defensor da vítima; já quando os policiais são os heróis sua ação é de resolução do problema e eles aparecem como opositores ao vilão.

Das sete vezes em que o vilão está presente nas notícias, em cinco, está associado às ativistas. Uma vez o vilão foi caracterizado pela figura do “agressor de mulheres” e, também uma vez, o vilão é a Igreja Católica, por se opôr à legalização do aborto: “Neste ano, o evento também faz a defesa do estado laico diante do avanço do projeto de lei que institui o Estatuto do Nascituro. A data foi escolhida justamente para contrapor a presença do papa no país, que representa uma das instituições mais conservadoras e que é contrária ao aborto: a Igreja Católica” (“Participantes da Marcha das Vadias criticam a Igreja Católica em Copacabana, no Rio”, *Folha de S. Paulo*). O “agressor de mulheres” é representado de forma passiva e não realiza nenhuma ação; já as ativistas e a Igreja Católica, quando identificadas como vilãs, realizam ação de opressão, porque impõem sua presença, ações ou desejos aos demais sujeitos.

Wozniak et al. (2014, p. 6, tradução nossa) explicam que, enquanto a análise de enquadramento propicia o entendimento sobre os argumentos prevaletentes, a análise da narrativa permite perceber como a história é desenvolvida e contada pela mídia, “envolvendo elementos como suspense, conflito dramático, emoção e eventual resolução”. Nesse sentido, é possível apontar à existência de duas narrativas típicas sobre a MV: 1) a MV como causadora de conflito, narrativa prevaletente, que, com destaque às ações das manifestantes, responsabiliza a marcha pelo conflito com atores individuais e coletivos; e 2) a MV como luta legítima, que aparece em número reduzido das notícias, quando listam as demandas da marcha e as justificam com base na fala de participantes ou em números e

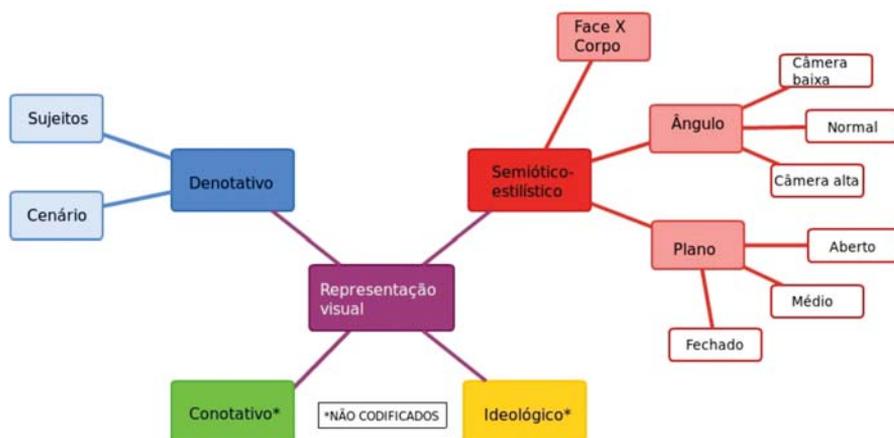
apontamentos sobre a violência de gênero. As imagens presentes nas notícias analisadas, entretanto, são frequentemente utilizadas para justificar o conflito, conforme demonstra o item a seguir.

2.3 Representação visual

Rodriguez e Dimitrova (2011, p. 50, tradução própria) explicam que, assim como o texto, as imagens também operam como dispositivos de enquadramento, uma vez que utilizam ferramentas retóricas, como metáforas, representações e símbolos, para capturar e traduzir graficamente os problemas narrados. Elas servem como auxiliares à compreensão de um texto, mas, algumas vezes, podem também se sobrepôr aos fatos narrados; “as imagens são poderosas ferramentas de enquadramento porque são menos intrusivas do que as palavras e, como tal, exigem menor carga cognitiva. Portanto, é ativado o processamento periférico em vez do central, e o público pode estar mais propenso a aceitar o quadro visual sem questionar”.

A análise das imagens aqui realizada utiliza os quatro níveis propostos por Rodriguez e Dimitrova (2011), conforme ilustra a Figura 4.

Figura 4 – Representação visual



Fonte: Elaboração das autoras.

O primeiro nível é o denotativo, em que os enquadramentos são identificados a partir do levantamento dos personagens, objetos e demais elementos presentes na cena. A tarefa do analista, nesse momento, é responder *quem e/ou o que* está sendo representado na imagem. A identificação dos elementos estilísticos e técnicos faz parte do segundo nível de análise, em que são descritos o plano e o ângulo da câmera. Uma imagem em *close*, por exemplo, significa intimidade, enquanto o plano aberto possibilita a visualização do contexto. Ainda nesse nível, Archer et al. (apud RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011) propõem que a proeminência da face também seja analisada, argumentando que, quando o rosto é mais proeminente, direciona para percepções quanto à inteligência ou ambição da pessoa representada; já, quando o destaque da imagem é para o corpo, o receptor tende a perceber mais as qualidades não intelectuais.

O nível conotativo vai além da mera representação visual e busca compreender ideias e conceitos inseridos nas imagens. Dos três tipos de signo descritos por Peirce (2000) – ícone, índice e símbolo – a análise conotativa se volta ao símbolo, já que é o tipo de signo capaz de comunicar os significados sociais. Além disso, as metáforas visuais também são descritas nesse nível. Por último, o nível ideológico “reúne os símbolos e as características estilísticas de uma imagem em uma interpretação coerente que fornece o *porquê* por trás das representações que estão sendo analisadas”. (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 57, tradução própria). O analista deve procurar responder a: Quais interesses estão sendo representados?, buscando compreender como as imagens são utilizadas como instrumentos de poder para moldar a percepção da audiência.

Conforme sugerido por Wozniak et al. (2014), são codificados somente os dois primeiros níveis; as análises conotativa e ideológica devem ser realizadas posteriormente em associação com o enquadramento textual e narrativo. Das 14 notícias componentes do *corpus* desta pesquisa, somente dez delas eram acompanhadas por imagens. As notícias: “Participantes da Marcha das Vadias distribuem camisinhas e chocam peregrinos no Rio” e “Justiça aceita denúncia contra casal que ficou nu e quebrou estátua na visita do papa”, do *G1*, não tinham imagem de destaque, porém havia um banco de imagens, que repetiu nas duas notícias. Nesse caso, optou-se por analisar as duas primeiras imagens do banco. O quadro 2 apresenta a descrição dos níveis denotativo e semiótico-estilístico.

Quadro 2 – Análise da representação visual



Notícia e imagem: Centenas de mulheres participam da Marcha das Vadias em Uberaba
Fonte: G1

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Três mulheres são o centro da imagem: elas vestem shorts e sutiã, têm o corpo pintado com frases e palavras de ordem e seguram cartazes com um símbolo da luta feminista. As frases dos cartazes não estão visíveis. Cenário urbano, as três mulheres se misturam a outros manifestantes.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

O ângulo da câmera é normal, as mulheres que ocupam o centro da foto e os demais ativistas situam-se no mesmo nível que o receptor. O plano é médio, não é possível visualizar os sujeitos em detalhes, e tampouco é possível saber qual é a dimensão da manifestação. Nenhum dos sujeitos retratados olha para a câmera, o que caracteriza um não embate com o público. Os corpos das mulheres são o foco da imagem, uma vez que não é possível ver o rosto ou mesmo ler as frases estampadas nos cartazes e em seu corpo.



Notícia e imagem: Marcha das Vadias protesta contra agressão sexual no Amapá. (G1)
Fonte: G1.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Manifestantes, entre eles três homens (um deles está de bicicleta e não parece fazer parte da marcha), uma criança e uma mulher. A mulher e a criança estão de mãos dadas, a mulher está com os seios desnudos e não olha para a câmera.

Cenário urbano, poucas pessoas, ao fundo o prédio da Agência de Fomento do Amapá.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

O ângulo da câmera é normal, o plano é médio. Por essa razão, poucas pessoas são representadas, e a marcha se apresenta como um movimento esparso. Nenhum dos sujeitos olha para a câmera, seu olhar se direciona para lados diferentes o que reforça a conclusão de que tais pessoas não estão unidas. Mais uma vez, o corpo da mulher é o centro da imagem.



Notícia e imagem:
 “Vadias” protestam no DF contra machismo e Estatuto do Nascituro.
 Fonte: G1.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Dois manifestantes, uma mulher e um homem, seguram cartazes. A mulher está de sutiã e, em sua barriga, lê-se a frase: “meu corpo, minha revolução”; ela segura um cartaz com a frase “Acredite ou não minha roupa curta não tem nada a ver com você!” O homem está com uma camiseta branca com dois furos que deixam os mamilos à mostra. Ele segura um cartaz que diz: “Se é engraçado em mim por que é vulgar nelas?”

Cenário urbano, prédios e carros ao fundo.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

Ângulo normal e plano médio. A imagem mostra os dois manifestantes de maneira isolada, não possibilitando visualizar a dimensão da marcha. Dessa vez, o rosto dos sujeitos está plenamente visível, bem como as mensagens dos cartazes, fazendo com que o corpo da mulher fique em segundo plano. Foto posada.



Notícia e imagem:
 Marcha protesta contra a violação dos direitos das mulheres, em Belém.
 Fonte: G1.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Diversos manifestantes aparecem na imagem. Na frente, estão seis mulheres vestidas de preto com uma rosa vermelha na blusa que seguram uma grande faixa: “Marcha das Vadias”. Ao fundo, manifestantes seguram bandeiras vermelhas, brancas e roxas.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

Não aparecem corpos ou cartazes descrevendo as demandas do movimento, o rosto também não está visível. O plano aberto da fotografia permite identificar a dimensão da marcha, transmitindo a força da manifestação. Foto com mais neutralidade, protocolar.



Notícia e imagem:
 “Marcha das Vadias” sai em defesa das mulheres em Volta Redonda – RJ
 Fonte: G1.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Mulher, vestindo sutiã, com óculos escuros, segura cartaz que cobre parte dos seus olhos, no que se lê: “30% das meninas sofrem violência sexual antes dos 18 anos”.

Outros manifestantes estão ao seu redor, não é possível identificar o que vestem, nem quais são suas ações.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

O plano médio não permite identificar o tamanho da manifestação, porém, há poucos espaços livres entre os ativistas, indicando a existência de muitas pessoas. O centro da foto é a mensagem do cartaz, e a mulher que o segura parece olhar para a câmera, desafiando o receptor.



Notícia e imagem:
 Participantes da Marcha das Vadias criticam a Igreja Católica em Copacabana, no Rio.
 Fonte: *Folha de S. Paulo*.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Manifestante vestida com roupa branca e manto azul, com o rosto pintado de branco representando a Virgem Maria. Ela está de braços abertos e, apesar de seu rosto estar voltado para cima, ela olha para a câmera. Em seu peito, um cartaz: “Gravidez apenas quando desejada”. Ao fundo, aparece uma praia e o céu azul.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

A câmera baixa associada aos braços abertos e ao céu azul de fundo é um recurso que transmite a “superioridade” da personagem retratada. O olhar direcionado para a câmera, e a expressão em seu rosto indica questionamento e embate.



Notícia e imagem:
 Participantes da Marcha das Vadias distribuem camisinhas e chocam peregrinos no Rio.
 Fonte: *Folha de S. Paulo*.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Em primeiro plano, *close* no corpo de uma mulher que usa um sutiã preto e tem seu corpo pintado; no peito, há um coração e, na barriga, a palavra “livre”. Ao fundo, uma freira caminha na direção contrária. Nenhuma das mulheres olha para a câmera.

Ao fundo, aparecem pessoas dispersas, não há como saber se elas fazem parte da manifestação ou não.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

As duas mulheres são apresentadas em oposição: sem roupa/coberta; primeiro plano/segundo plano; vadia/freira; livre/presa; cada uma segue em uma direção. O conflito está claramente representado na fotografia.



Notícia e imagem:
 Justiça aceita denúncia contra casal que ficou nu e quebrou estátua na visita do papa.
 Fonte: *Folha de S. Paulo*.

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

A imagem mostra uma mulher nua, vista em *close* da barriga para cima. Ela tem cabelo curto, usa óculos de grau e tem, em seu corpo, a frase “Nosso corpo nos pertence”, pintada com tinta vermelha. A mulher olha para cima.

Devido ao plano fechado, somente é possível visualizar o céu azul, sem identificação do local onde a mulher está.

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

O foco da imagem está nos seios da mulher e na mensagem pintada em seu corpo (ainda que a última palavra esteja cortada, é possível ler a mensagem completa). A câmera baixa e o olhar direcionado para cima transmitem ideia de superioridade da manifestante.



Notícia e imagem:

Machismo no futebol em pauta entre mulheres.

Fonte: *Estadão*

Denotativo (Sujeitos + Cenário)

Em primeiro plano, uma mulher aparece somente do pescoço aos joelhos; ela usa sutiã preto e *shorts jeans* e segura um cartaz onde se lê com destaque: “Nem santa, nem puta. Sou mulher.” Em fonte menor, está escrito “Marcha das Vadias 2013”, e, em seu peito, está pintada com tinta vermelha a palavra “livre”.

Ao fundo, aparecem manifestantes e um cartaz onde está escrito: “Vadiar é revolucionar.”

Semiótico-estilístico

(Ângulo + Plano + Rosto versus Corpo)

O cartaz em primeiro plano é o destaque da imagem, indicando que a demanda nele descrita é o foco. Entretanto, a mulher aparece sem rosto. As pessoas, ao fundo, estão dispersas e não parecem formar uma marcha unificada e coesa. Foto posada sem rosto.

2.3.1 Os níveis conotativo e ideológico: corpos sem cabeça, sujeito sem razão

No nível conotativo, a carga de significado provém das convenções do vestuário ou das características físicas dos sujeitos (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011; WOSNIAK et al., 2014). A partir do que é mostrado pelos níveis denotativo e estilístico, nota-se que, apesar de o enquadramento do texto ter evidenciado a predominância de um registro do evento, apenas a foto de uma matéria mostra a marcha como uma ação coletiva num plano aberto. As demais fotos são registros do corpo das mulheres, com destaque à seminudez (quatro matérias). Isso conota a diminuição do tamanho das manifestações.

Em quatro delas, está presente a ideia de conflito, visível nos olhares desafiadores das mulheres, pelo ar de superioridade ou pelo conflito explícito como é o caso da imagem da freira e da santa. As demandas são mostradas nos cartazes, simplificadas em *slogans* (três matérias).

Em três imagens, os sujeitos aparecem olhando para a câmera e, em duas, o rosto das mulheres foi cortado. Apesar dos textos tratarem de sujeitos e individualizarem a narrativa, as fotos sem rosto remetem a qualidades não intelectuais. Associada ao destaque do corpo seminu, a chave interpretativa conduz ao entendimento de desqualificação do ator político como sujeito

racional. E aquilo que estiliza a foto como superioridade, no plano de baixo para cima, no nível conotativo, assume o sentido de afronta.

Com esse processo de conotação, as representações culturais que caracterizam o nível ideológico de que falam os autores, oferecem as convenções pelas quais a realidade é interpretada. A maneira com que a nudez é apresentada nas matérias carrega, consigo, a representação cultural do corpo feminino como provocação e como agressão. Assim, as queixas que a MV revela nos cartazes são revertidas às próprias manifestantes – o que já aparece na atribuição dos papéis, vista na análise narrativa quando as mulheres passam de vítimas a vilãs. Isso é reforçado na exposição do conflito como sendo uma manifestação católica.

O papel desempenhado pelo machismo fica ocultado, reduzindo o problema da violência de gênero afeto às mulheres, especificamente àquelas que estão na marcha.

3 Considerações finais

A Marcha das Vadias pode ser considerada uma mobilização que faz aparições disruptivas: imagens impactantes e palavras de ordem desafiantes – pois, relacionadas a questões controversas como aborto e estupro, geram desconforto e, como tem sido com os movimentos feministas em geral, encontram resistência e antipatia social, além do machismo como adversário cultural. Como essa complexidade não cabe no processo rotinizado de produção da notícia,³ a análise multimodal de enquadramentos permite observar os significados que escapam dos textos ou das imagens, mas que residem na articulação entre eles.

Assim, foi possível perceber que:

- 1) os enquadramentos do texto da notícia trataram a MV como uma mobilização por uma causa justa, mas que foi prejudicada pela *performance* pública das mulheres manifestantes;
- 2) na narratividade, as matérias utilizaram os recursos: da personalização e ornamentação estilística na narrativa das manifestações; o conflito organizou o gênero da narrativa com um tom passional – o que era esperado em se tratando de cobertura de movimentos sociais – e com

³ A discussão sobre jornalismo pode ser inserida aqui e auxiliar na compreensão dos processos de construção da notícia. Ver Tuchman (1978), Schudson (1978, 2008); Gamson & Modigliani (1989); Scheufele (1999); Johnson-Cartee (2005).

algum grau de criminalização; atribuíram predominantemente o papel de vilão à MV, ainda que duas delas tenham atribuído papel de herói; e

3) as imagens privilegiaram a exibição de corpos sem rosto, conferindo à MV uma marca de escândalo vazio, afronta moral e irrelevância política.

Se a MV garantiu presença nas notícias, ao menos no espaço jornalístico houve um apagamento da marcha como ator político, que tem porta-vozes relevantes para o debate sobre questões de gênero, violência contra mulheres, cultura do estupro e relações machistas.

Referências

ARCHER, D. et al. Face-ism: five studies of sex difference in facial prominence. *Journal of Personality and Social Psychology*, n. 45, p. 725-735, 1983.

ENTMAN, R. Framing: towards clarification of a fractured paradigm. *Journal Communication*, v. 43, n. 4, 1993.

ENTMAN, R. *Projections of power: Framing News, public opinion, and US Foreign Policy*. Chicago: Chicago Press, 2004.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 1, jul. 1989.

GOMES, C; SORJ, B. Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, v. 29, n. 2, maio/ago. 2014.

JOHNSON-CARTEE, K. S. *News narratives and news framing: constructing political reality*. Series: Communication, Media, and Politics. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2005.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PRUDENCIO, K. et al. *Ativismo político na internet: uma análise do enquadramento noticioso das principais manifestações brasileiras ocorridas em 2013 e 2014*. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO – ENPECOM, 6., 2014, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PPGCom-UFPR, 9 a 11 de out. de 2014.

PRUDENCIO, K. Micromobilizações, alinhamento de quadros e comunicação política. *Revista Compólitica*, n. 4, v. 2, ago./dez. 2014.

RIZZOTO, C.; PRUDENCIO, K.; SILVA, M. Muita cena e pouca comunicação política? A Marcha das Vadias nos portais de notícias e a questão do reconhecimento. GT Comunicação e Política. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 24. 2015, Brasília. *Anais...* Brasília: Compós, de 9 a 12 de junho de 2015.

RODRIGUEZ, L.; DIMITROVA, D. V. The levels of visual framing. *Journal of Visual Literacy*, v. 30, n. 1, p. 48-65, 2011.

SCHEUFELE, D. Framing as a theory of media effects. *Journal of Communication*, ICA, 1999.

SCHUDSON, M. *Why democracies need an anlovable press*. Malden – MA: Polity Press, 2008.

_____. *Discovering the news: a social history of American newspapers*. New York: Library of Congress, 1978.

SILVA JÚNIOR, José Geraldo. Conexão e ação: a utilização estratégica da internet pela “Marcha das Vadias” para mobilização social e ação coletiva no espaço virtual e no território urbano. In: PANKE, Luciana; MACEDO, Roberto Gondo; ROCHA, Daniele (Org.). *A mobilização social no contexto político e eleitoral: a mobilização social no contexto político e eleitoral*. Capivari (SP): Nova Consciência, 2013. P. 125-146.

TUCHMAN, G. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: Free Press, 1978.

WOITOWICZ, K. J. *Folkcomunicação e ativismo midiático: lutas feministas e estratégias de visibilidade na Marcha das Vadias*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 36., 2013. Manaus. *Anais...* Manaus: Intercom, de 4 a 7 de set. de 2013.

WOZNIAK, A.; LÜCK, J.; WESSLER, H. *Frames, stories, and images: the advantages of a multimodal approach in comparative media content research on climate change*. 2014. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17524032.2014.981559?journalCode=renc20>>. Acesso em: novembro de 2015.